



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

LAIANE DA SILVA AVELAR

**O COTIDIANO E OS SABERES DAS MULHERES NA ALDEIA SÃO
FRANCISCO: UM OLHAR A PARTIR DE DONA GERALDA CIRÍACO**

RIO TINTO
2026

LAIANE DA SILVA AVELAR

**O COTIDIANO E OS SABERES DAS MULHERES NA ALDEIA SÃO
FRANCISCO: UM OLHAR A PARTIR DE DONA GERALDA CIRÍACO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Centro de Ciências Aplicadas e
Educação, da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Maria Ribeiro de
Oliveira.

RIO TINTO
2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A948c Avelar, Laiane da Silva.

O cotidiano e os saberes das mulheres na aldeia São Francisco : um olhar a partir de dona Geralda Ciríaco / Laiane da Silva Avelar. - Rio Tinto, 2026.
53 f. : il.

Orientação: Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Práticas cotidianas. 2. Mulher indígena. 3. Protagonismo. I. Oliveira, Luciana Maria Ribeiro de.
II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 572(=1-82)

Elaborado por FLAVIA SENA DA SILVA - CRB-15/989



Universidade Federal da Paraíba

Campus IV – Centro de Ciências Aplicadas e Educação

Coordenação do Curso de Bacharelado em Antropologia

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia treze de agosto de dois mil e vinte e seis, reuniu-se presencialmente na sede do grupo Toré Mirim na aldeia São Francisco, a COMISSÃO JULGADORA, composta pela Professora Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, presidente da banca examinadora e pelas professoras Kelly Emanuelle de Oliveira e Thayná Donato Gomes, como membros da banca examinadora, para avaliarem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Laiane da Silva Avelar**, matrícula 20210129794, como requisito para conclusão do Curso de Bacharelado em Antropologia desta Universidade. O presente trabalho de conclusão de curso teve como título: **O COTIDIANO E OS SABERES DAS MULHERES NA ALDEIA SÃO FRANCISCO: UM OLHAR A PARTIR DE DONA GERALDA CIRÍACO**, sendo orientada pela presidente desta comissão. Após análise e deliberação foi atribuída a média final 9,0 (**nove**), estando a aluna considerada **APROVADA**.

Por ser verdade firmamos o presente,

Documento assinado digitalmente
 LUCIANA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA
Data: 17/08/2026 07:48:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luciana Maria Ribeiro de Oliveira

Professora Orientadora

Documento assinado digitalmente
 KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA
Data: 17/08/2026 11:11:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Kelly Emanuelle de Oliveira

Professora Membro Interno da Comissão



Thayná Donato Gomes

Professora Membro Externo da Comissão

Dedico este trabalho ao meu povo Potiguara, em especial a todas as mulheres que vieram antes e cujas lutas me possibilitaram estar aqui. É sobre nós, e é graças a elas.

AGRADECIMENTOS

Aos encantados, que me deram forças em todos os caminhos percorridos; ao meu povo Potiguara; à minha fé, que me fez nunca desistir; ao meu Deus, que acolhe, ama e guarda de todo mal; a Nossa Senhora, que me livra de toda tribulação; e à Jurema sagrada, onde manifesto minha espiritualidade e encontro o fortalecimento para seguir.

À Geralda Ciríaco, inspiração de mulher guerreira e amorosa. Sua trajetória de luta revela a riqueza dos saberes do povo Potiguara, e o fato de tê-los partilhado comigo é prova de sua bondade. Este trabalho é a demonstração do amor que sinto por ela.

A Geilza Ciríaco e seu filho Teófilo Ciríaco, a Gal, Maria e sua irmã Sema, que no meio desse processo, me fizeram persistir. As histórias que compartilharam durante o dia a dia foram exemplos para mim.

Denis Faustino, meu companheiro, com quem compartilho a vida há quase oito anos. Ele me apoia em tudo que me proponho a fazer e tem sido meu alicerce. É o homem que mais admiro, e sou feliz por ser sua parceira. Ao nosso Apolo, nosso pet tão sonhado e que nos faz tão feliz com seu carinho e bagunça.

Antonio Deolindo meu sogro, um homem generoso e amoroso com sua família. É uma felicidade fazer parte de sua família, seu acolhimento e sua forma sempre cuidadosa continua sendo essencial em minha vida. A minha sogra Severina Faustino (in memoriam) não a conheci em vida mas pelas palavras daqueles que a amam, mulher dedicada à educação e segue sendo uma referência para nosso povo Potiguara.

Aos meus pais, Sueli Barbosa e Manuel Avelar, sou grata por tudo que fazem por mim, com as condições que tem. Às minhas avós, Ivanilda Maria e Raimunda da Conceição (in memoriam), as mulheres que sempre lutaram por sua família. Aos meus avôs, José Barbosa (in memoriam) e Elias Bernardo, meu amor eterno.

A Mirelly, Raíssa e Felipe, meus irmãos a quem tanto amo, e que me presentearam com meus sobrinhos, Arthur Luís e Maria Liz, as bênçãos da minha vida.

Aos meus cunhados Deolindo Faustino, minha cunhada Alzeni Faustino e a seu esposo Roberto Francisco, e ao fruto de seu amor, Maria Alice, minha sobrinha a quem amo profundamente.

Ao PET Indígena ao qual foi essencial em minha caminhada acadêmica. A Universidade Federal da Paraíba, que me proporcionou cursar antropologia, um curso que amo, mesmo em meio às cansativas leituras. Aos professores por quem tenho carinho e suas palavras foram de grande incentivo na minha trajetória acadêmica, à minha orientadora Luciana Ribeiro, Kelly Emanuelle, Marco Aurélio, Alexandra Barbosa e Anderson Alves.

Aos meus amigos que me apoiaram neste processo e na minha vida pessoal Rauan Amorim, amoroso e amiguel a quem admiro por sua inteligência que transborda nas suas produções de arte; Ana Carolina, uma mulher inspiradora e doce; Samira Lima, que sempre me mostrou que, apesar dos obstáculos, devemos persistir; Mônica Cinesio, que me motivou a ter esperança na vida por seu jeito de conduzi-lá; a Williams Leandro homem justo e de forte fé; e Alerandro Soares, um amigo dedicado que apesar dos dias ruins sorrir.

Por fim, a todos que, de algum modo, me ajudaram com conselhos, palavras e gestos de cuidado. E, novamente, ao meu povo Potiguara, a quem desejo retribuir todo o apoio e toda a luta.

Resumo: Este trabalho tem como tema central as práticas cotidianas de dona Geralda Ciriaco, residente da aldeia São Francisco no município de Baía da Traição, abordando as atividades que fazem parte do seu dia a dia e que são essenciais para a manutenção das relações sociais. O objetivo é compreender como os seus conhecimentos nas práticas realizadas no espaço da aldeia são primordiais para as relações comunitárias. A pesquisa foi desenvolvida através da imersão em campo a partir da familiaridade utilizando-se da observação participante com o embasamento teórico construído à luz da antropologia. As práticas cotidianas não apenas perpetuam os conhecimentos, mas também atuam como elementos primordiais para a coesão social e no compartilhamento dos princípios que organizam a cultura, reafirmando o protagonismo feminino indígena.

Palavras chaves: Práticas cotidianas; Mulher indígena; Protagonismo.

Abstract: This study focuses on the daily practices of Dona Geralda Ciríaco, a resident of the São Francisco village in the municipality of Baía da Traição, examining the activities that constitute her everyday life and are essential for maintaining social relations. The aim is to understand how the knowledge she applies through practices within the village setting is fundamental to community relations. The research was conducted employing participant observation and a theoretical framework grounded in anthropology. These daily practices not only perpetuate knowledge but also serve as key elements for social cohesion and the sharing of principles that organize the culture, thereby reaffirming the central role of indigenous women.

Keywords: Daily practices; Indigenous woman; Agency/Leading role.

LISTA DE SIGLAS

AMARN - Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro em Manaus

ANMIGA - Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade

AMGIP - Associação das Mulheres Guerreiras Indígenas Potiguara da Paraíba

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas

COVID - Coronavírus SARS-CoV-2

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SESAI - Secretaria de Saúde Indígena

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa de localização das três terras indígenas.....	30
Figura 02 - Mapa de localização da aldeia São Francisco.....	31
Figura 03 - Local onde D.Geralda plantar suas ervas medicinais ao lado da casa de seus filhos: Alzeni, Deolindo e Denis.....	33
Figura 04: Parte da cozinha de D. Geralda.....	34
Figura 05: D. Geralda no preparo do fogo de lenha.....	38
Figura 06: D. Geralda colocando esterco de vaca no local para plantar coentro.....	39
Figura 07: Denis seu filho ajudando D. Geralda com o esterco de vaca.....	40
Figura 08: Local por onde passamos ao ir a carvoeira.....	42
Figura 09: Denis auxilia Mariana a espremer a goma da mandioca.....	43
Figura 10: D. Geralda junto a imagem de Nossa Senhora da Conceição.....	47

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1 Meu lugar na pesquisa.....	13
1.2 O povo Potiguara da Paraíba.....	20
1.3 Etnografia.....	21
1.4 Mulheres indígenas.....	24
1.5 História da aldeia São Francisco.....	29
2. Metodologia.....	30
2.1 Área de estudo.....	30
2.2 Coleta de dados.....	31
3. Reflexões no campo.....	32
3.1 Práticas e narrativas.....	33
3.2 Cotidiano de Dona Geralda.....	36
3.3 Atividade de carvoeira.....	40
3.4 Memórias.....	43
4. Considerações finais.....	47
5. Referências.....	48

1. INTRODUÇÃO

As constantes mudanças no mundo contemporâneo tornam fundamental a discussão sobre os povos indígenas, incluindo seus modos de vida em seus territórios, suas identidades e seus conhecimentos. O espaço territorial é de grande importância para essas populações, visto que sua produção e reprodução social dependem dele. O modo de vida indígena está intrínseco ao ambiente não apenas no manejo da terra, mas também na construção do saber e na forma como ele é compartilhado entre os membros do grupo. Os trabalhos da atualidade nas ciências sociais e em especial na antropologia, tem sido recorrente a discussão sobre a maneira como os indígenas se relacionam com o ambiente e como suas práticas são perpassadas e construídas a partir dessa relação.

Para Ingold e Kurttila (2018), o ambiente faz parte do saber construído pelo indígena de maneira indissociável das práticas no território, pois é a partir delas e da interação que se forma o conhecimento. Por sua vez, Oliveira (1998) e Nascimento (2019) destacam o conceito de territorialização para explicar como a sociedade é afetada pelos processos de colonização, gerando a necessidade de novas configurações do território indígena nos modos de viver. Essa abordagem dialoga com Ingold e Kurttila (2018) quando evidenciam a percepção sobre o que é tradicional para o indígena e para a modernidade.

O Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que o Brasil abriga 1.693.535 indígenas, correspondendo a 0,83% da população do país. Desse total, 622,1 mil residem dentro de terras indígenas (36,73%). Esses dados são fundamentais para embasar discussões sobre o crescimento populacional e a distribuição geográfica dos povos indígenas, trazendo possíveis reflexões sobre suas condições e necessidades. A partir deles, pode-se pensar sobre a sobrevivência dos povos originários no Brasil, que foram mortos, escravizados, violentados e que sofreram e ainda sofrem a tentativa de apagamento de sua identidade ancestral. Esse período da chegada da colonização foi marcado por diversas violências que deixaram marcas sentidas até hoje, como a catequização e a imposição da língua colonial.

A antropologia é exemplo neste sentido, pois por muito tempo, os estudos sobre povos originários centraram-se em figuras estereotipadas, no sentido de beneficiar uma imagem folclórica. Dessa forma, ignorando justamente aquelas que, no cotidiano, mantêm vivos os saberes ancestrais, a medicina tradicional e a transmissão cultural, pilares sem os quais a resistência indígena não teria sobrevivido por cinco séculos.

Pode-se pensar o papel que as mulheres dessas comunidades desempenham como guardiãs dos saberes, do cuidado e do uso do território. Um papel fundamental, mas historicamente despercebido, essa invisibilidade reflete uma dupla marginalização de modo que os povos indígenas foram silenciados pela colonização. As mulheres indígenas foram ainda mais apagadas, relegadas a coadjuvantes em narrativas construídas principalmente por homens brancos.

Inserida nesse cenário não apenas como pesquisadora, mas também como parte dessa realidade, trago minha contribuição a partir da minha própria experiência. Sendo uma mulher indígena da etnia Potiguara, de pele negra, cabelos crespos e falante da língua colonial (português), apresento minha perspectiva aliada ao desejo de pesquisar e colaborar para esta reflexão, que será aprofundada ao longo desta pesquisa.

O presente estudo tem como foco principal as mulheres indígenas do povo Potiguara. Visa refletir sobre o espaço da aldeia partindo de observações em/com o campo. A pesquisa é desenvolvida a partir do fazer etnográfico, pensando, segundo as reflexões surgidas nas práticas cotidianas com as interlocutoras que residem no município de Baía da Traição, Litoral Norte da Paraíba, especificamente na aldeia São Francisco. Pretende-se compreender as práticas e experiências que sustentam elementos essenciais da vida social na aldeia, analisando as interações comunitárias, os usos do espaço e as formas de transmissão de saberes. Para isso, buscar-se-á descrever os ritmos diários, as interações sociais e os usos dos espaços.

1.1 Meu lugar na pesquisa

Destaco a importância que há de refletir sobre o meu lugar dentro da pesquisa, além dele no espaço geográfico da comunidade está aquele em que pertenço como um membro do grupo étnico. Sou uma jovem indígena estudante de antropologia que inicia suas práticas em campo, sua primeira experiência de pesquisa etnográfica aprofundada em meio a algumas atividades do curso que auxiliaram na construção do meu olhar antropológico. A minha presença em campo não é vista pelas interlocutoras inicialmente como uma pesquisadora, mas como alguém que faz parte da família e estuda antropologia, os laços afetivos nos deixam íntimas, diferente de uma relação apenas de pesquisadora e pesquisada. Conforme argumenta Silva et al. (2007, p.29), "a História de Vida é um método que tem como principal característica, justamente, a preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito". Esse

vínculo, presente em minha pesquisa, foi construído anteriormente ao próprio estudo, o que traz desafios e potencialidades específicas.

Sou residente da aldeia que estudo a pouco mais de cinco anos. Por conta do meu relacionamento amoroso com Denis Faustino mudei da aldeia onde cresci, chamada Carneira, no município de Marcação, e ressalto que nasci em uma outra aldeia do mesmo município de nome aldeia Ybykuara, fiz parte de aldeias menores e ao chegar a morar em São Francisco percebi algumas mudanças sobre as práticas, como por exemplo a quantidade expressiva de mulheres artesãs e o ritual do toré frequentemente praticado.

Sou filha de Sueli Barbosa e Manuel Avelar, neta materna de Ivanilda Maria e Elias Bernardo e paterna de Raimunda da Conceição e José dos Santos. São mulheres fortes que trabalharam muito para sustentar suas famílias com pouca escolaridade, mas que defendem em vida a necessidade de estudar para que seus filhos pudessem ter uma vida melhor. Minha mãe teve cinco filhos (Felipe, eu, Mirelly e Raíssa), a sua primeira filha não resistiu, morrendo ao nascer. Cuidou de nós com zelo e nos incentivou a estudar pois ela sabia a dura realidade de ser analfabeta.

Eu sendo a filha mais velha, depois do meu irmão, tinha a responsabilidade de cuidar de minhas irmãs mais novas, e muitas vezes do meu irmão mais velho. Na escola eu tinha consciência de que devia me esforçar sempre mais para fazer as atividades e aprender a ler. Quando aprendi, logo pensei em ajudar minhas irmãs. Lembro-me de brincar de escolinha com elas e assim aprenderam a ler, as ajudando nas atividades escolares.

Foi difícil todo o processo da escolarização pois havia muitas dificuldades nas condições em casa e, quando finalmente consegui fazer o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem e vi o resultado fiquei extremamente feliz pois me parecia tão distante alcançar. Logo o período que comecei a estudar foi na Pandemia do Covid-19, momentos difíceis passei em relação a ter acesso às aulas que eram virtuais sem ter internet em casa e sem um bom celular, me vi mais uma vez desacreditando que iria conseguir passar essa fase.

As atividades eram realizadas também por meio do celular, pois não tinha um notebook, o que, às vezes, usava era o do meu namorado, e assim, passei dois períodos. Enquanto tentava lutar com os obstáculos, haviam as necessidades financeiras e começaram as tentativas para conseguir a Bolsa Permanência¹, mas infelizmente não a obtive e então

¹ O Programa Bolsa Permanência (PBP), instituído pela Portaria MEC nº 389, de 9 de maio de 2013, alterada pela Portaria MEC nº 1.999, de 10 de novembro de 2023 e pela Lei 14.914/2024, tem por objetivo minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação indígenas e quilombolas através da bolsa no v. Informações obtidas a partir do site: <https://www.prape.ufpb.br/bolsa-permanencia/>.

tentei o auxílio moradia e o restaurante universitário, e finalmente veio a luz no fim do túnel. Com isso fui morar na cidade do curso pensando na melhor logística para estar presente nas atividades disponíveis. Foram quase quatro anos longe da minha aldeia, sentia falta e sempre que podia estava voltando. Esses anos foram de grandes oportunidades me possibilitando estar em diversas atividades como minicursos, oficinas, palestras, viagens e outras atividades que contribuíram para a minha trajetória de forma acadêmica e pessoal.

Entre alguns projetos em que pude fazer parte um deles foi o “Portal Potiguara²”; “Ouvir, Refletir e Agir³” e o que permaneci por mais tempo o “Programa de Educação Tutorial - PET Indígena⁴”. Projetos esses que foram essenciais para minha formação profissional, em especial o PET Indígena que me possibilitou unir minha etnia a minha formação de forma potente em cada ação desenvolvida, o apoio que precisava neste caminho árduo da minha primeira graduação.

Apesar de fazer a graduação em Rio Tinto, considerado parte do território indígena porém não faz parte da demarcação do Território Indígena de Monte-mór, e em um curso de antropologia, passei por muitos questionamentos enquanto uma mulher indígena. Momentos difíceis sobre falas do espaço que estava ocupando, percebi de forma dura que apesar das lutas anteriores para conseguir estar ali, cada vez que me posiciono recebo uma agressão sutil, desde questionamentos sobre minha capacidade à razões que me levaram a este lugar. Portanto, escrever este trabalho de conclusão de curso, me leva a inúmeras memórias desde o início de tudo. É um misto de emoções que acabam por estar expostas na minha escrita.

Desse modo dou início a algumas observações feitas a partir da aldeia São Francisco, tal como a semelhança no que presenciei na infância, sobre o trabalho das mulheres de modo a fazerem parte socialmente e culturalmente nas decisões como chefes de família, as atividades de dona de casa que parecem não ter fim e, mesmo sendo mães, justamente por isso conseguem fazer trabalhos mais pesados em prol do sustento da sua família.

As pessoas com quem juntamente construo esta pesquisa são: Dona Geralda Ciriaco (80 anos), mãe de Geilza (52 anos) e Edilson (42), avó de Teo (20 anos), Maria Vitória (10 anos), Maria Milene (9 anos), Marcos Henrique (5 anos) e agricultora; meu companheiro Denis Faustino (26 anos), filho de Severina Faustino⁵ (falecida) e Geralda Ciriaco (que a

² Projeto que é realizado a inserção de dados sobre os indígenas Potiguara da Paraíba. www.ufpb.br/portalpotiguara.

³ Projeto que trata das relações étnico-raciais.

⁴ Projeto desenvolvido por estudantes em nível de graduação sob a orientação de um professor e que consolidam ações entre ensino, pesquisa e extensão.

⁵ Severina Faustino Ciriaco, filha de Anita e João Batista. Foi diretora da escola Centro Social São Miguel na aldeia São Francisco, uma referência na área da educação dentro de sua comunidade.

considera mãe também), graduando em ecologia e agricultor; Geilza, conhecida como Mariana, mãe de Teo (20 anos) e agricultora; Alzeni Faustino (31 anos) filha de Severina Faustino e que também considera Dona Geralda como mãe, mãe de Maria Alice (6 meses) e professora. É em diálogo com elas e eles que esta pesquisa é construída.

Com fundamento nesse lugar de pertencimento, faço o exercício de estranhar o familiar, conforme Velho (1978). Nessa perspectiva, o conhecimento sobre os elementos que surgem do cotidiano podem levar a dimensões elevadas de reflexão enriquecendo o estudo de modo a estranhar o conhecido e me aproximar do desconhecido.

Com esse exercício destaco alguns pontos levantados para reflexão, bem como irei me comportar para pensar de qual forma posso usar essa intimidade como instrumento na observação e participação. Em que momento me afasto do que conheço e se isso pode ser possível pensando no meu corpo em campo, uma mulher indígena da comunidade que sabe dos desafios e acompanha eles de perto e, como essas mulheres levam essas dinâmicas, seus conhecimentos sobre o local que estão, entre jovens mulheres e anciãs, que tudo que fazem acarreta em uma ajuda às suas e/ou aos seus familiares, no sentido de ensinar, fazer os cuidados medicinais e contar histórias que perpassam seus corpos. A complexidade de falar sobre quem você conhece e convive diariamente, como ser sutil nas anotações e não se deixar levar pela familiaridade na interpretação de dados, lembrar que estou estudando, pesquisando, observando, anotando e que o que desejo do estudo é que de algum modo possa contribuir com esse grupo de mulheres, sendo algo que me atravessa, em meu corpo, em minha história. Assim a ética é constantemente pensada e respeitada. Pereira (2000) reforça essa preocupação ao destacar que:

Em se tratando de histórias de vida, são muitas as tarefas do pesquisador: alertar para os elementos de invenção, de aproximação ou de fantasia que ronda toda narrativa e, antes de pedir que acreditemos nos fatos relatados palavra por palavra, deve nos providenciar a chave que transforma o documento cru em uma fonte histórica (p.126).

A pesquisa não afeta apenas o grupo que está sendo observado, mas quem faz essas observações também, pois são vivências que percorrem quem está participando, mesmo que de formas diferentes. Me vem os questionamentos de como ajudo, de que maneira me faço presente e como posso contribuir com elas. Assim, minhas experiências em campo foram feitas com muito cuidado, inclusive, no momento de aprendizagem do óleo de coco, apenas fiz registros de imagens em que a interlocutora não aparecia, pois era algo para ser vivenciado, pensando para além de um dado de pesquisa. Pude perceber o clima de conforto

ao escutar as histórias da interlocutora Dona Geralda a partir do elemento que a fez recordar memórias de quando era mais jovem, ela falou sobre o preparo, sobre a utilidade e como usa.

Quando chego com perguntas para elas (interlocutoras), além das informações diretas para as questões, elas me trazem mais histórias sobre suas vidas, conforme a convivência que já ocorria temos uma relação de reciprocidade de modo que todas ajudam, seja com atividades do dia a dia, com partilhas de alimentos, com medicamentos feitos com as ervas do quintal quando alguém está doente. Nesses gestos de cuidado retribuo da forma que posso, quando me pedem algo, como quando uma das interlocutoras me pediu para que eu pintasse seu cabelo com a tinta extraída do jenipapo, quando ela avisou que iria colher os frutos. Todas as atividades são compartilhadas de algum modo com as demais, seja na ajuda direta ou no momento da partilha do que produz, toda interação traz um compartilhamento de ambas, na fala e na escuta.

Como aponta Chizzotti (2000):

o pesquisador não se transforma em mero relator passivo: sua imersão no cotidiano, a familiaridade com os acontecimentos diários e a percepção das concepções que embasamento práticas e costumes supõem que os sujeitos da pesquisa têm representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativas coerência em relação à sua visão e à sua experiência (p.82).

Trata-se de falar sobre pessoas com quem convivo diariamente, exigindo sutileza nas anotações. O desejo central é que este estudo possa, de alguma forma, contribuir para o grupo de mulheres que me acolheu.

Optei nos primeiros momentos por não realizar registros de áudio ou imagens nos momentos exatos das conversas, para não quebrar a confiança. Pois em campo existe a interferência a partir do momento que estou interagindo e as emoções e justamente pensando nisso em não haver constrangimentos por pedir permissão da fotografia que deixei para outras ocasiões. Apesar de que ocorreu momentos que tirei fotografias pois ao longo do campo foi sendo construído a pesquisa e deixando explícito o objetivo do trabalho desse modo a permissão foi sendo consentida.

Trabalhei com a memória, fazendo anotações após as conversas. Embora não tenha utilizado ferramentas para gráficos, vejo potencial nesse recurso para evidenciar padrões, como as atividades mais comuns e seus períodos do dia. Minha participação nas atividades cotidianas foi orgânica, guiada por convites e permissões solicitadas. Mantive o respeito pela dinâmica local, sem interferências, e cultivei uma escuta atenta para a construção do estudo. Uma das dificuldades reside em praticar o olhar antropológico, trazendo o que foi estudado

em sala de aula para a realidade do campo, aprendendo a identificar fatores que são naturalizados pelo familiar e vê-los através de uma lente antropológica. A partir da coleta de dados, surge a interpretação e a inquietação crucial de discernir o que é pertinente e seguro para ser exposto, garantindo que a pesquisa traga contribuições sem colocar em risco as pessoas e informações da comunidade. Nessa direção, Oliveira (1996) destaca as habilidades de olhar, ouvir e escrever como cruciais para a discussão da prática antropológica e construção do conhecimento teórico, tornando-se momentos de elaboração do fazer científico. Peirano (2014) complementa ao afirmar que "a empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação" (p.380). Nesse sentido, a reflexão sobre a proximidade e o lugar do pesquisador se desdobra em questões metodológicas mais amplas, como a escolha do objeto de estudo. Corroborar essa perspectiva a afirmação de Gil (2021, p. 4) segundo a qual “Ante aos fatos sociais, o pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos, interessa-se por eles e os avalia com base num sistema de valores pessoais”. Foi a partir do desejo de produzir pesquisa sobre as mulheres indígenas da etnia a qual faço parte que é construído este trabalho, por elas e para elas.

Conforme Velho (1978, p.123) “A antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada”. Consequentemente, o estudo, como já mencionado anteriormente, parte da proximidade, um lugar que também é ocupado por quem é a pesquisadora. De modo particular, surgem as questões com este campo pois a complexidade que é estar dentro da comunidade e que de fato partilha do modo de vida e costumes, trás consigo por um lado a premissa que fortalece o modo de fazer a antropologia, como sua metodologia é construída e o estudo científico na antropologia se desenvolve. Desse modo, fazer o trabalho ao que me propus com o olhar antropológico é uma exigência no sentido de praticar tudo que estudei em quase quatro anos e meio.

Velho (1978) chama atenção justamente para o cuidado em não reproduzir os discursos de naturalização dos acontecimentos, levar em conta a dimensão histórica e as diferentes maneiras de percepção do indivíduo. Uma vez que cada grupo é organizado de um modo, é partindo dessa ideia que o estudo é construído buscando analisar de que modo as

práticas do dia a dia estão inseridas nas relações sociais criadas na comunidade assim como na produção do conhecimento.

O que vemos como familiar pode haver uma dimensão de significados quando fazemos uso do estranhamento para sistematizar dados que podem explicar a organização social, a partir das ações onde haja a manutenção da estrutura. Nessa perspectiva o conhecimento que tenho sobre o cotidiano não é deixado de lado, mas é necessário fazer uma redefinição do modo em que vejo, de alguém que reside e convive, e assim usar esse fato como conhecimento. Velho (1978) vai de encontro ao pensamento de Da Matta (2010) na percepção de fazer o exercício de estranhamento daquilo que é próximo, pois quando usamos a expressão de proximidade no sentido de conhecimento e o estranho como desconhecido, estamos ausentes aos complexos processos que podem ser luz a questões antropológicas. Para fazer uso do familiar como fonte para a metodologia é necessário abandonar as pré-noções, categorias internalizadas e manter a sistematização dos dados, pois é importante destacar a posição de poder dos indivíduos que fazem parte do espaço de estudo para melhor compreensão do seus lugares e funções dentro do sistema do grupo.

O campo é dinâmico com suas particularidades, seus obstáculos e os sujeitos mudam. Isso corrobora com o processo que cada pesquisador passa em sua pesquisa. Se cada campo é específico, como afirmar que se criou um método? Pois a aplicação é a partir da relação que se estabelece com a vivência e a observação. Indo de encontro com o argumento de Peirano (2014) a antropologia, por suas referências, demonstram que o método vai de encontro às particularidades da pesquisa e à realidade das relações sociais. A construção da pesquisa decorre da trajetória que o antropólogo percorre durante o seu estudo, essa percepção surgiu do aprendizado com os antropólogos antecessores que mostram diferentes modos de abordagens em seus estudos. A experiência é única a cada passo que está imerso ao modo de viver do sujeito, neste sentido estou vivenciando diariamente com elas, dentro das atividades e no cotidiano na forma em que interajo.

O trabalho feito pelo antropólogo em parceria com o sujeito corrobora por uma antropologia coletiva, que traz perspectivas que vão de encontro aos pensamentos contemporâneos de fazer um campo gerador de teoria. Como sugerido por Peirano (2014) os sujeitos constroem o conhecimento assim como o pesquisador que faz a imersão no campo para extrair dados de maneira orgânica onde a hierarquia de pesquisadora/pesquisada.

No campo eu estava como observadora mesmo realizando a atividade e uma intermediadora pois eu iniciava uma pergunta sobre de que modo ela aprendeu ou qual sua motivação para fazer, mas só era possível por que elas estavam ali junto a mim construindo o

conhecimento na sua atuação, é dessa forma fluída que exercia o papel da pesquisadora mas isso não me afastava da maneira que elas me viam, a Laiane que é família, sua linguagem não mudava, e o comportamento ao me apresentar os elementos da prática eram iguais quando não pensava na pesquisa.

É justamente na proximidade com elas que senti o desejo desta pesquisa, e o conhecimento sobre algumas de suas atividades me deram força para elaborar os objetivos, pensando na visibilidade de suas produções a partir do cotidiano, com suas formas de aprendizados, ensinos e o cuidado com que realizam cada tarefa.

1.2 O povo Potiguara da Paraíba

Os Potiguara da Paraíba concentram-se principalmente no litoral norte nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Atualmente os Potiguara vivem em aldeias e centros urbanos que formam três Terras Indígenas sendo a Terra Indígena Potiguara, Terra Indígena Potiguara de Jacaré de São Domingos e a Terra Indígena de Monte-Mór, totalizando 33.757 hectares.

Historicamente, os Potiguara é o único povo que reside desde a colonização em seu território hoje reduzido a partir deste processo, lutando pela continuação de sua cultura em meio aos desafios impostos pela invasão. Os seus costumes continuam sendo reproduzidos e ensinados a partir da prática dos mais velhos com os mais jovens. Como por exemplo a mandioca que é um elemento muito importante tanto para a subsistência quanto para sua cultura, foi e ainda é imprescindível pois a partir da mandioca fazem as suas receitas culinárias como o beiju, tapioca e outras. Além disso, continuam fazendo o uso de plantas medicinais em seus quintais, cuidando de suas enfermidades de modo tradicional. Demonstrando seu conhecimento profundo sobre seu território a partir das práticas realizadas por meio dos elementos do ambiente como as suas matas (Palitot, 2005). Dessa forma, a partir de seu modo de vida e seus saberes os Potiguara vêm fortalecendo sua cultura com suas experiências adquiridas ao longo do tempo e com suas interações com os demais (Nascimento, 2019).

Como posto anteriormente, os Potiguara é o único grupo indígena no Brasil a residir continuamente em parte de seu território ancestral desde a invasão dele há mais de quinhentos anos, como evidenciado por registros históricos desde os primeiros encontros com os europeus. Dessa forma a colonização incitou novos arranjos após seu fim para que os

indígenas pudessem sobreviver, de modo a adquirir estratégias para utilização de recursos do seu ambiente e os levando a outros (Nascimento, 2019).

No momento atual cada aldeia tem sua estrutura formada pelos seus caciques, pajés, benzedeiras e lideranças, podendo variar de local, assim como construções de escolas municipais e estaduais, igrejas católicas e evangélicas, assim como outros centros religiosos, postos de saúde, como também havendo em algumas aldeias a oca para seu ritual de toré, como terreiros sagrados e pontos específicos para práticas de rituais.

As atividades econômicas são trabalhos braçais nos roçados, seja no seu próprio ou a diária em outros, serviços na prefeitura ou estado e comércios locais. Porém, o trabalho com a cana-de-açúcar se destaca no território por parte significativa, seja para cultivar ou trabalhar a partir das usinas. Nascimento (2019) destaca que com as mudanças vindas a partir da cana-de-açúcar os indígenas Potiguara recorreram a trabalhos variados. Mas, mesmo com a saída para as cidades próximas por conta de empregos, ainda assim continuam fazendo atividades consideradas como tradicionais, tais como o cultivo em roçados e quintais produtivos que plantam tanto as ervas medicinais, árvores frutíferas e como criação de galinhas, porcos e outros animais. Dessa forma, em meio às mudanças, a força da cultura Potiguara continua se reforçando em cada passo junto ao povo.

Dentre as atividades tradicionais está o toré, um elemento muito importante e essencial na cultura, pois este é um meio de reafirmação Potiguara de sua identidade. Através de sua prática, tal como demonstra a comemoração feita pela conquista da Terra Indígena demarcada de Monte-Mór em 2024 (por meio de muita luta coletiva), onde foi realizado o ritual do toré com as lideranças e todo o povo. Isso demonstra a luta ao longo tempo por direito ao uso de seu território (Araújo, 2023), expressando a união do povo e afirmando a importância de terem seu território para sua reprodução física e cultural.

1.3 Etnografia

A comunidade indígena tem sido por muito tempo um espaço rico para pesquisas a partir de sua organização social e um aporte teórico na discussão antropológica. No Brasil, os primeiros estudos tiveram como referência Darcy Ribeiro, Curt Nimuendaju, Florestan Fernandes e outros, mas ainda faltava um olhar cuidadoso nas particularidades dessa população. Portanto, os novos estudos se distanciam da lógica que põe o indígena como objeto, sendo um sujeito pesquisador que colabora na construção do conhecimento.

Nesse sentido, afirmo a importância do protagonismo indígena na construção de conhecimento dentro da academia, posiciono-me a partir desse lugar de mulher indígena, pesquisadora e que estuda seu próprio povo, que cursa Antropologia na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV em Rio Tinto que faz parte do território indígena.

Com as mudanças ocorridas, a antropologia ganhou novos meios para pesquisar, contribuições para desenvolver seus estudos com mais proximidade às populações, dessa forma, enriquecendo os métodos de conhecimentos.

A partir dessa perspectiva posta na antropologia sob novos métodos e formas de pesquisar, o estudo da etnografia demonstra ser uma ferramenta para a construção de uma antropologia colaborativa. Dentre alguns indígenas pesquisadores que são referências podemos citar: o trabalho Gersem Baniwa intitulado “História indígena no Brasil independente: da ameaça do desaparecimento ao protagonismo e cidadania diferenciada”; Felipe Tuxá “Antropologia indígenas e a questão da posicionalidade” e Elisa Pankararu “Mulheres lideranças indígenas em Pernambuco: espaço de poder onde acontece a equidade de gênero”, dentre outros. Atualmente, os estudos têm ganhado protagonismo dos pesquisadores indígenas com pesquisas de suas próprias comunidades de forma próxima. Segundo Gil (2021), “a história de vida fundamenta-se na obtenção pelo pesquisador da narrativa da vida inteira de um indivíduo ou de suas experiências pessoais ao longo de determinado período de tempo” (p.66), recurso frequentemente utilizado pelos pesquisadores indígenas.

A antropologia é, em seu princípio, eurocêntrica, e traz consigo uma bagagem de estereótipos sobre as populações marginalizadas, tal como a comunidade indígena. A comunidade indígena, inicialmente, foi objeto de pesquisa de forma ausente na construção da pesquisa, não porque não pudesse contribuir, mas, infelizmente, porque o pensamento era validado a partir da influência europeia. “Ante aos fatos sociais, o pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos, interessa-se por eles e os avalia com base num sistema de valores pessoais” (Gil, 2021, p.4). Com as pesquisas ignorando as diferenças culturais e sociais do indígena, ou seja, como algo homogêneo, isso empobreceu a profundidade reflexiva na discussão da cultura e identidade, colaborando no silenciamento sobre a história das populações indígenas sem considerar sua contribuição nas discussões em vários âmbitos como o social, o político e o ambiental.

Se a teoria do evolucionismo no século XIX foi criticada por propor uma ordem única de desenvolvimento na sociedade, da "selvageria" à "civilização", o que evidencio no

meu estudo é a superação de estereótipos como este, ressaltando o protagonismo e a valorização sobre a construção de pontes que contribuem no fazer antropológico contemporâneo de forma colaborativa com a comunidade indígena. Faço parte dessa nova forma de produzir na academia no lugar de mulher indígena pesquisadora com foco nas mulheres do meu povo. Assim como outras(os) pesquisadoras(es) que evidenciam as potencialidades de construção de conhecimento do seu povo, a indígena Potiguara antropóloga Cristina Bernardo, em seu trabalho de mestrado (Práticas agrícolas e saberes locais do Povo Potiguara da Paraíba: espaços e produção de alimentos a partir da mandioca) têm evidenciado a ligação do seu povo com a alimentação em consumo e produção agrícola da mandioca. Através de seu estudo, por exemplo, é possível identificar e dar visibilidade a seu conhecimento que atravessa a técnica de plantar, mas também a sua luta para com seu território (Bernardo, 2023).

Portanto, a antropologia, por muito tempo, estudou a partir de teorias danosas tanto para as comunidades estudadas quanto para os pesquisadores, pois, quando não se leva em consideração a colaboração do sujeito estudado, a ciência falha em produzir conhecimento. É nesse desejo de valorizar as práticas e a produção de conhecimento a partir delas que faço minha pesquisa. Dissertação da indígena Potiguara Thayná Donato Gomes (2025) intitulada: Depois da retomada. Uma etnografia da aldeia Três Rios, com ênfase no papel das mulheres, Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór – PB aponta o lugar de destaque que as mulheres indígenas têm sobre a retomada da aldeia Três Rios no município de marcação e analisa o cotidiano das mesmas, demonstrando o papel central delas para a manutenção da identidade em sua comunidade. Essa análise corrobora o que este presente trabalho expõe pois, a partir do cotidiano na aldeia, desencadeia-se reflexões sobre os papéis que são exercidos pelas mulheres indígenas dentro de sua própria aldeia.

No anseio por uma antropologia que acolha a diversidade de saberes, Alcida Rita Ramos (2023) em seu artigo “Intelectuais indígenas abraçam a antropologia: Ela ainda será a mesma?” reflete sobre a necessidade do diálogo com os povos indígenas nos estudos a partir deles, sobre eles e feito por eles para a constituição de uma antropologia plural. Nesse sentido, o indígena antropólogo Gersem Baniwa (2023) traz a discussão sobre a presença indígena na ciência, que é algo ainda recente pois inicialmente, era apenas um objeto observado, sem relação participativa e ativa na construção da pesquisa; hoje, ele está em vários âmbitos na ciência, entre os intelectuais indígenas Ailton Krenak, Elisa Pankararu, Célia Xakriabá, entre outros.

O indígena pesquisador abre a aba do pensamento do estudo colaborativo para a valorização dos saberes que são produzidos pela comunidade indígena. Como afirma Marconi & Lakatos (2017), o estudo, quando está sendo realizada a etnografia, o pesquisador se aproxima e vira familiar. “Em geral, são apontadas duas formas de observação participante: a) Natural: o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga. b) Artificial: o observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações” (Marconi; Lakatos, 2017, p. 210). De forma estratégica, a entrada nesta ciência é um ato de luta que por muito tempo foi negado, e hoje, o conhecimento na aldeia sai para o mundo a partir do morador que é pesquisador.

Com as mudanças na antropologia, é possível criar uma etnografia participativa com o sujeito, que seja uma via de mão dupla e, conseqüentemente, novas formas metodológicas podem ser pensadas.

Portas estão sendo abertas para a pesquisa e nesse sentido a mulher indígena é essencial nessa reivindicação; além da questão de gênero, ela carrega a luta do e por seu povo. Nesse sentido para uma ciência que acolha, que deseje ser mais justa, plural e horizontal, é preciso pensar no papel da mulher, sobretudo quando se reconhece que a antropologia se constituiu historicamente como um lugar essencialmente excludente sobre as populações tradicionais, um espaço não pensado para a mulher, muito menos para a mulher indígena. Nesse contexto, a etnografia realizada por mulheres indígenas surge como uma possibilidade concreta e transformadora. Ao ocuparem esse lugar que tradicionalmente as excluiu, elas não apenas dão visibilidade aos saberes, rituais e narrativas silenciadas pelo olhar masculino e externo, mas também reconfiguram a própria produção do conhecimento antropológico. Assim, a etnografia feita por mulheres indígenas é um gesto político e epistêmico que responde diretamente à necessidade de uma ciência que acolha, e, finalmente, pense o papel da mulher onde ele nunca foi pensado.

1.4 Mulheres indígenas

As práticas de manejo com a terra, feitas pelos indígenas, estão ligadas também com a parte espiritual, visto que para os povos indígenas a relação com o ambiente é mais profundo do que é presumido pelo imaginário capitalista pensando apenas no sentido econômico, tendo ligação intrínseca com sua comunidade e com os elementos naturais (Ruano-Ibarra e Gama, 2020). Essa união é o que difere a relação da comunidade indígena e demais. Desse modo, além de cuidadores eles são guardiões e transmissores de saberes, sendo as mulheres

indígenas as que desenvolvem atividades importantes na manutenção de sua cultura, sendo também guardiãs.

As atividades são exercidas entre os espaços da casa, nos trabalhos braçais no roçado, na produção de artesanato e nos rituais. Através da ação do cuidado com a sua comunidade a mulher indígena tem papel importantíssimo na manutenção de sua cultura, estando ativa na reivindicação dos direitos do seu povo (Souza; Santos; Oliveira, 2020). Desse modo é perceptível que a figura da mulher circula em vários espaços indo contra a lógica machista patriarcal de que há um único papel ou lugar que ela deve estar (Bernardo, 2023).

Segundo Grubits, Darrault-Harris e Pedroso (2005), o papel feminino nas comunidades indígenas Bororo, Guarani/Kaiowá e Kadiwéu não é homogêneo, mas apresenta especificidades culturais. Entre as Bororo, as mulheres podem ser guardiãs da tradição e, ao mesmo tempo, havendo a ligação com a sociedade não indígena, adquirem também o prestígio por conciliar conhecimentos indígenas com a comunicação em português. Já entre os Guarani/Kaiowá, com a saída dos homens para o trabalho nas cidades, as mulheres tornam-se as principais responsáveis pela manutenção da cultura, pela agricultura e pelo cuidado familiar. Por fim, entre os Kadiwéu, as mulheres exercem poder político de forma indireta, mas efetiva, além de terem autonomia econômica por meio da produção e comercialização de cerâmica.

Na história do povo Potiguar-PB, há muitas mulheres que são referência, estando presentes no movimento indígena e ocupando espaços de liderança. Essas mulheres se destacam em diferentes áreas, tal como na educação, as irmãs Severina Faustino (in memoriam) e Nilda Faustino⁶ (in memoriam) são referências, mulheres que dedicaram sua vida a educar. Outra irmã delas, a Valda Faustino, é uma liderança no movimento indígena, uma mulher de forte fé que contribui na luta do seu povo; e sua irmã Dona Guia⁷ (in memoriam), além de artesã, trabalhou na biblioteca da escola Pedro Poti e, mesmo ancestralizada, continua inspirando com seus cuidados e com as práticas do que plantava e colhia. Outras mulheres presentes no movimento indígena Potiguar, como Dona Geralda Ciriaco, anciã que utiliza seus saberes sobre plantas medicinais para ajudar, fazendo medicamentos e benzendo na aldeia São Francisco; a pajé Fátima, também da aldeia São Francisco; Cumade Guerreira, de Lagoa do Mato; e Dona Nancy Cassiano, ex-prefeita (1992)

⁶ Nilda Faustino é referência na área da educação dentro de sua comunidade aldeia São Francisco.

⁷ Guia Faustino foi uma mulher artesã da aldeia São Francisco e que sempre esteve presente no movimento indígena.

e parteira do Forte, entre tantas outras mulheres que carregam consigo conhecimentos ancestrais.

Em relação à algumas atividades que as mulheres indígenas ganham visibilidade, são elas: confecção de adornos e artesanatos; culinária; trabalhos de cultivo nos roçados; feitura de medicamentos com plantas medicinais; benzimentos; pesca no mangue; serviços de parteira; dentre outras práticas que são perpetuadas há gerações.

No presente, as práticas continuam sendo reelaboradas junto às novas atividades como os estudos, empregos como professoras, enfermeiras, dentre outras, e assim possibilitando trabalhar nas aldeias ou nas proximidades. Desse modo, as mulheres indígenas buscam não se afastar de seus costumes, apesar das mudanças contemporâneas. Assim, essas mulheres Potiguara, lideranças, educadoras, artesãs, pajés, parteiras e anciãs mantêm viva a memória, a espiritualidade e a identidade do seu povo por meio de seu modo de vida, construindo saberes a partir de suas atividades cotidianas.

Atualmente as mulheres indígenas estão não apenas circulando em suas aldeias, mas por variados espaços, como em outras cidades em virtude de empregos, estudos e assim por diante, tal como demonstra Souza, Santos & Oliveira (2020). Quando abandonado o pensamento ocidental de ver, de maneira separada o território do corpo da mulher indígena, estamos aprofundando a reflexão no sentido da relação que elas mantêm com sua comunidade, matas e espiritualidade (Ayes; Kaingang; Neres; Brando, 2023). Os processos históricos causam mudanças significativas no modo de vida da comunidade indígena. Nesse sentido, as funções são desenvolvidas por homens e mulheres, de qual maneira se organizam e como suas práticas são realizadas. É necessário a construção de diálogos sobre os desafios que a mulher indígena atravessa. Na história da colonização ela enfrentou a perseguição de sua identidade de modo a ser catequizada, dominada e violentada. Esse sofrimento causado deixou marcas severas na maneira como é enxergada pela sociedade.

O estereótipo a faz ser violentada e ter que lutar por sua identidade dentro de suas pautas. Por meio da violência, ocorre a reprodução de uma imagem sexualizada do que é uma mulher indígena. Na busca por recursos fora da aldeia, existe a dor de estar longe e o enfrentamento dos estereótipos e da reação do outro à sua identidade. A educação nas escolas falha na valorização dos saberes indígenas.

Diante desse cenário, o feminismo indígena, ao politizar as desigualdades de gênero, tem a capacidade de produzir possibilidades para que as mulheres sejam protagonistas nos diversos campos sociais. Como desperta Carneiro (2003, p.119):

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso.

O gênero tem seus próprios desafios sobre o papel que é esperado da mulher e sua função, e a etnia vem com o peso do lugar de onde você se origina, de uma identidade que é atacada e questionada tornando-se mais um alvo. Dutra e Mayorga (2019) colaboram para pensarmos não apenas o gênero mas a mulher na sua interseccionalidade que está dentro da estrutura patriarcal e necessitam ser pensadas em suas dimensões de gênero/etnia/raça. A partir dessa reflexão surgem questões, como por exemplo, provar ao outro que você faz parte de uma comunidade indígena e explicar que sua forma de vida acredita no dia certo para pescar por um elemento lunar? Essas são algumas dificuldades enfrentadas, que diferem porque as mulheres indígenas são diversas. Sabemos que o feminismo não abarca todas as especificidades das mulheres, mas que, mesmo com as diferenças existem as aproximações (Mendes 2023). Diante disso, cabe refletir com o cuidado da especificidade que cada mulher tem.

Até o início dos anos 2000, a liderança dos movimentos indígenas no Brasil se caracterizou pela conformação notadamente masculina. Todavia, as mulheres indígenas não ficaram à margem nas relações etnopolíticas, seja com outras etnias ou com não indígenas. Mesmo que historicamente não frequentassem espaços públicos e de fato sua participação fosse limitada, não se afastaram das lutas dos seus povos (Ruano-Ibarra e Gama, 2020, p.279).

Atualmente as mulheres vêm se integrando cada vez mais na política por meio do movimento indígena, cargos constitucionais e nas associações. "Com a institucionalização das demandas das mulheres indígenas, lideranças indígenas femininas passaram a frequentar, cada vez mais, reuniões nacionais e internacionais, o que propiciou a consolidação e a articulação de suas organizações" (Dutra e Mayorga, 2019, p.122). Alguns exemplos são os cargos políticos constitucionais que algumas ocupam como Célia Xakriabá deputada federal de Minas Gerais, Sônia Guajajara que foi ministra dos povos indígenas, Joenia Wapichana que foi presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), entre outras. Estão sendo formadas cada vez mais associações com e para mulheres indígenas, alguns exemplos são a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade

(ANMIGA), Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro em Manaus (AMARN) e Associação das Mulheres Guerreiras Indígenas Potiguara (AMGIP) da Paraíba. "As lutas das mulheres indígenas são coletivas visando reivindicações históricas do movimento indígena, bem como para problemáticas abrangentes de gênero, como a participação feminina nos espaços públicos, a violência contra as mulheres e a soberania alimentar" (Castro e Carneiro, 2023, p.62).

As mulheres indígenas lutam por seu território de forma coletiva, essa é uma demanda delas também como uma especificidade que abarca a todos, tal como destaca Souza; Santos & Oliveira (2020). O papel de modo geral da associação reflete sua função fundamental da mulher indígena dentro da sua comunidade, ouvindo suas especificidades nas demandas e auxiliando no movimento indígena junto a todos lutando pelos seus direitos. A mulher indígena pode exercer papéis de grande prestígio na sua comunidade como lideranças, pajés e caciques, assim como os homens. A partir dessa função ela guarda e compartilha seu conhecimento com os demais na prática fazendo rituais, colhendo ervas e articulando com seu povo na reivindicação de seus direitos. Neste sentido, quando Gomes (2025) descreve a função na época da retomada da aldeia Três Rios, que sua interlocutora Maria do Porco ficava na cozinha e lá ela diz que aconteciam os diálogos com as lideranças, isso demonstra que a ideia a princípio de ser apenas um local onde as mulheres estão cozinhando se torna um ponto crucial para as decisões, demonstrando ser este também um local político.

Diante disso ela (a mulher indígena) circula em diversos âmbitos, pode estar na aldeia ou na cidade, estudando ou trabalhando, fazendo políticas ou rituais. "É necessário ter em vista que se trata de um feminismo que abriga uma identidade feminina intrinsecamente conectada à terra e à narrativa mítica" (Mendes, 2023, p.11). De forma a unir a tecnologia contemporânea e a ancestral para contribuir com seu povo.

Conforme argumenta Latour (2008, p.44), "através da materialidade dos instrumentos da linguagem, as palavras finalmente transportam mundos. o que dizemos, sentimos fazemos e desencadeado por diferenças registradas no mundo". Nesse sentido, destaco a produção de indígenas pesquisadoras na Universidade Federal da Paraíba que, a partir de seu povo, vem construindo conhecimento dentro e fora da academia. Entre elas, Elita Nascimento com "‘Aldeados’ versus ‘Desaldeados’: dinâmica territorial, parentesco e ecologia doméstica entre os Potiguara" (2019), o estudo parte da investigação da dinâmica territorial Potiguara; Iranilza Felix com "A alteridade e a espiritualidade dos universitários Potiguara da Paraíba" (2018), que apresenta as relações e dimensões da espiritualidade dos universitários Potiguara dentro do espaço acadêmico com seus conhecimentos; Débora Leite com "A sistematização

dos conhecimentos tradicionais do povo Potiguara e seus potencial para a inovação socioecológica” (2026), com uma pesquisa que evidencia os mecanismos de sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Potiguara realizadas no âmbito do Programa de Educação Tutorial PET Indígena da UFPB. Há ainda outros trabalhos que circulam em diferentes âmbitos da ciência, mas que têm em comum o protagonismo do povo Potiguara da Paraíba.

1.5 História da aldeia São Francisco

Conhecida popularmente como "Aldeia Mãe", a aldeia São Francisco, antes chamada *Koã*, nome que significa pássaro, justamente por ser considerada um berço da cultura e de lideranças. Segundo os relatos dos mais velhos, dela saíram muitas das lideranças que estiveram à frente do movimento indígena Potiguara, uma influência que permanece até os dias de hoje. De modo geral, segundo Palitot (2005), as lideranças das aldeias são pessoas que conquistam o respeito da comunidade por suas ações, dentro ou fora dela. Nesse sentido, a aldeia São Francisco, localizada no município da Baía da Traição, é reconhecida como referência por ter tido e por haver grandes lideranças, como Pedro Ciriaco, Manoel Pedro, Djalma Domingos, João Batista Faustino, Severino Faustino, entre outros. “Apesar da escolha do SPI ter recaído sobre Daniel Santana, os índios de São Francisco mantiveram Pedro Ciriaco como seu líder, marcando uma posição de autonomia frente ao centro de poder representado pelo posto indígena” (Palitot, 2005, p.79). Demonstrando a autonomia de decisões que era exercida pela aldeia neste momento na década de 1940.

A comunidade é formada por aproximadamente 300 famílias sendo contabilizadas mil e dezenove pessoas (Silva, 2022). Contando com alguns serviços básicos proporcionados pela estrutura. No ambiente educacional, possui duas escolas: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Centro Social São Miguel e a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Pedro Poti. A saúde é atendida por um postinho administrado pela Secretária de Saúde Indígena (SESAI), e a dimensão religiosa é diversa. Os espaços de comércio e lazer são compostos por estabelecimentos que incluem comércios familiares, bares, duas casas de show, assim como o pavilhão para eventos da comunidade e dois campos de futebol. A produção de farinha, ainda é mantida em duas casas de farinha, uma comunitária e outra da família de seu Djalma.

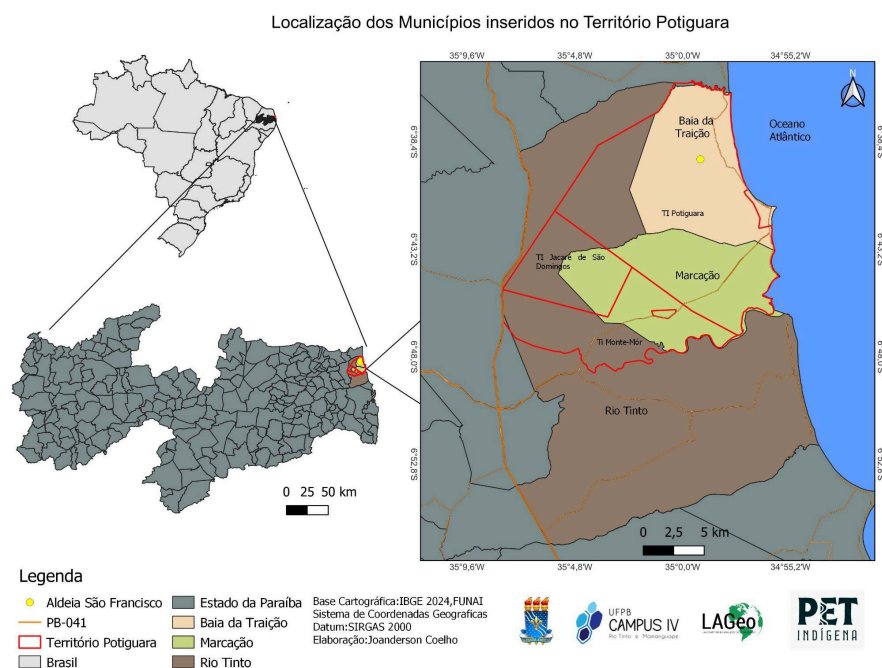
A base da economia local é a agricultura de subsistência, com a maioria das famílias mantendo seus roçados mesmo diante das dificuldades, como o aumento da cana-de-açúcar

no território que é perceptivelmente uma boa parte ocupada dentro da comunidade. Ainda assim, a prática contínua sobre os roçados reafirma seu compromisso de continuação de suas práticas de conhecimento sobre seu território (Avelar et al., 2026). Além disso, as famílias contam com outras fontes de renda, como auxílios governamentais, empregos formais no município e no estado, trabalhos em cidades vizinhas e trabalhos em usinas de cana-de-açúcar. Quanto aos espaços que praticam o ritual do toré, existem algumas famílias que têm suas ocas no espaço do terreiro de casa, mas o local em comum a todos é o chamado terreirão. É ali que, todos os anos, no dia 19 de abril, é realizado o ritual do toré para celebrar o dia dos povos indígenas. A tradição é mantida por diferentes grupos de torés, incluindo o Toré Anciã formado tanto por anciões quanto por crianças e jovens, o Toré Mirim e o Toré Severina Porfíria da mesma forma, demonstrando a importância da cultura para todas as gerações.

2. METODOLOGIA

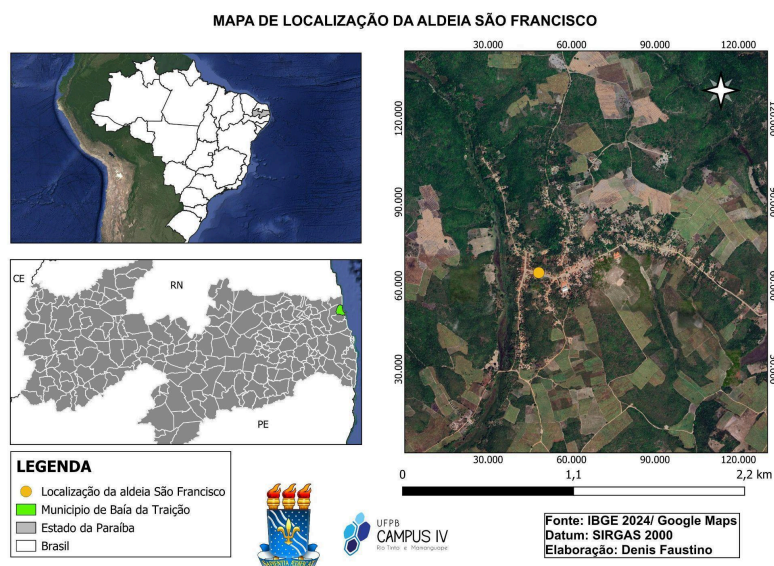
2.1 Área de estudo

Figura 01: Mapa de localização das três terras indígenas.



Fonte: Coelho, 2026.

Figura 02: Mapa de localização da aldeia São Francisco.



Fonte: Silva, 2025.

A aldeia São Francisco está localizada na Terra Indígena Potiguar no município de Baía da Traição, no litoral norte da Paraíba. Com população estimada, no ano de 2026, em 1.019 pessoas, segundo consulta feita no posto de saúde da comunidade ao agente de saúde⁸.

2.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi conduzida por meio da etnografia, amparada na observação participante que incluíram conversas informais, registro em diário de campo digital e aprendizagem com as interlocutoras. Foi acompanhado o dia a dia das interlocutoras, participando de atividades como o preparo do fogo de lenha, a produção de carvão (atividade de cavoeira), o preparo de óleo de coco, a coagem da goma de mandioca e o plantio de coentro. A participação foi feita a partir da permissão dada por fazer parte do núcleo familiar, sempre através de convites ou permissões solicitadas, buscando não interferir na dinâmica do dia a dia, mesmo que seja um fator que contribui na compreensão do estudo .

⁸ A informação foi buscada pela autora no posto de saúde da comunidade, ao perguntar ao agente de saúde conhecido como (Pitota) ele deu em números o quantitativo.

Diferentemente do uso do caderno de campo físico foi utilizado o digital, como também foi utilizado um gravador de celular para capturar falas (com consentimento) em poucos momentos e uma câmera do celular para poucos registros, tais como capturar imagens do preparo do fogo e do plantio de coentro. Na maioria das situações, as anotações foram feitas após as conversas, com base na memória, para preservar a fluência da interação e a confiança estabelecida com as interlocutoras.

As principais interlocutoras desta pesquisa foram dona Geralda, sua filha Mariana, as parentes Maria e Gal, além de outros familiares como Denis e Alzeni que também participaram como interlocutores. Os dados foram armazenados em forma de áudios (transcritos), fotografias, notas de campo digitais compiladas após cada dia de observação e a tabela de atividades de dona Geralda. Diante disso, a escolha do que estudar é influenciado, pois existem razões e não é neutro o contato com o sujeito, no caso deste estudo existe o pertencimento e proximidade com a comunidade indígena, motivações que estão ligadas com o pessoal da pesquisadora.

A pesquisa foi feita a partir das observações sobre o cotidiano de modo a analisar suas práticas como os trabalhos domésticos, atividades braçais, cultivo das plantas medicinais no quintal, preparo de comidas e remédios naturais. Também atividades de saída de casa, ir à igreja, ao mercadinho da comunidade, assim como ir a casa de parentes. É partindo de ações como estas que são construídas as reflexões da pesquisa, sendo minuciosamente vividas e observadas as performances em campo (Geertz, 1989). Diante disso, e baseado nessa perspectiva que Geertz que nos ilumina, que a descrição desta etnografia é feita, tendo as atividades cotidianas como primordiais para desvendar as relações postas a partir das conversas, preparos, visitas e ensinamentos conduzidos pelas interlocutoras(es).

3. REFLEXÕES NO CAMPO

Participei de algumas atividades do cotidiano, ajudando em algumas práticas como coar a goma de mandioca a pedido de Mariana e fazer o óleo de coco por meio de aprendizado. As interações com o campo ocorreram entre o período de 2024.2 à 2026.1.

Dona Geralda me ensinou e, a partir dessas atividades sempre surgem histórias, sendo contadas momentos que marcam, surgem informações de melhoramento como dicas, receitas de cura com as plantas medicinais do quintal como pode ser visto abaixo:

Figura 03: Local onde D.Geralda planta suas ervas medicinais ao lado da casa de seus filhos: Alzeni, Deolindo e Denis.



Fonte: Avelar (2026).

Em conversas, acabo sempre aprendendo e sabendo um pouco mais das histórias de vida delas. Apreendi muito em cada ajuda que dava às mulheres e elas me ajudavam a aprender algo para além de uma simples atividade, mas elas me ensinavam a ter mais profundidade no sentido do que está além do fazer, mas porque fazem, o que as faz sentir e para quem fazem. Nesse sentido, Latour (2008, p.43) afirma que "um sujeito articulado é alguém que aprende a ser afetado pelos outros - não por si próprio". Essa articulação se fez presente na medida em que fui sendo afetada pelas histórias e ensinamentos que emergiram nas práticas compartilhadas.

3.1 Práticas e narrativas

Ocorreu um momento em que pedi para dona Geralda me ensinar a prática do óleo de coco caseiro e ela gentilmente me mostrou o passo a passo, o primeiro passo de descascar o coco foi o Denis que fez; o segundo passo foi utilizar a raspadeira⁹ para raspar o coco; o terceiro passo foi colocar o coco raspado na peneira usando a água dele próprio para espremer e assim extrair todo o líquido; o último passo foi pôr no fogo para ferver e assim ir observando para ver o ponto, sendo D.Geralda a dizer se estava finalizado o óleo. Na imagem

⁹ Utensílio nomeado por ela que é semelhante a função do ralador.

a seguir (figura 04) pode-se visualizar onde ela faz o preparo de seus remédios e cozinhar seu alimento.

Figura 04: Parte da cozinha de D. Geralda.



Fonte: Avelar (2026).

Portanto esse foi um dos momentos que me fez ver a dinâmica de uma reciprocidade na partilha do conhecimento onde pedi que dona Geralda me ensinasse à sua maneira como fazer o óleo de coco, visto que cada pessoa pode ter uma particularidade no preparo.

Nessa aprendizagem ela me contava sobre acreditar que, dependendo da pessoa que faz o óleo, ela pode render grande quantidade ou não e, no meio desse aprendizado, dona Geralda me contou que aprendeu com sua mãe e que faz uso há muito tempo no cabelo com um pouco de perfume e na perna por conta de uma dor, ela usa no cabelo desde quando não tinha uma boa condição financeira para comprar o óleo industrializado. Fala de Dona Geralda ao compartilhar seu aprendizado com sua mãe Arcanja Domingos:

“... A mesma coisa que ela sabia, ela me passou, mas muitas coisas eu não aprendi. Hoje eu faço porque é através dela que me ensinou, nem todos eu rezo, ‘vou ensinar pra você, pra você quando tiver seus filhos’, aí aprendi a fazer essas coisas, tudo que eu posso fazer eu faço” (Trecho de entrevista realizada com Dona Geralda, 2026).

A partir disso, deu-se o diálogo sobre as parteiras da época, e que um dos seus filhos foi pego¹⁰ pela parteira e que hoje pouco há nascimentos feitos por elas. Desse modo, em uma atividade simples do cotidiano, vão sendo contadas histórias, cria-se um ambiente de confiança a ponto de serem falados acontecimentos da vida pessoal e, demonstrando a perspectiva da interlocutora sobre como vê as suas práticas. As palavras e histórias compartilhadas durante as atividades carregam consigo experiências e saberes que vão além do ensinamento prático. Em conformidade com Bernardo (2023) são em atividades do cotidiano e nesses espaços que é gerado o saber que transcende a pura necessidade de produção e que revelam diálogos riquíssimos para a continuação da cultura.

O que os pesquisadores fazem, portanto, é produzir por meio dos seus conhecimentos, gerados em suas comunidades, apresentando-os à academia para que diferentes públicos possam conhecê-los e, assim, estabelecer o diálogo entre saberes.

Dona Geralda em um dia cotidiano sentada em uma pedra próxima a um pé de mangueira de seu quintal, começa a falar sobre regras que existiam antes em seu período de juventude, ela relata o que aconteceu com seu irmão quando foi apontado por uma jovem que, segundo ela, teria ficado com a mesma. Após os familiares da jovem ficarem cientes do ocorrido, desejavam que ele casasse com ela ou então iria levar uma surra¹¹. Ao discorrer sobre o acontecimento, ressaltando que seu irmão não queria de modo algum casar, pois ele afirmava não ter tido nada com a jovem, ela destaca a importância dessa atitude de antigamente com a mesma fala sobre haver respeito antes e hoje ter mudado, ocorrendo rebeldia no sentido de alguns comportamentos de sua época terem mudado como o compromisso do casamento.

Em seus relatos, Dona Geralda expressa sua visão de mundo a partir de suas próprias experiências. Ao contar a história, por exemplo, sobre a maneira como um professor tratava os alunos, ela não se limita a descrever os métodos agressivos de repreensão em sala de aula, ela menciona inclusive, aspectos da vida pessoal desse educador, chamando-o de “homem ruim”. Ela salienta que seu irmão era um dos que sofria com os castigos, mas vai além, enfatizando que o professor também batia em suas filhas e na esposa. Diante disso, Dona Geralda deixa evidente sua repulsa a tais atitudes, condenando a violência que atravessa tanto o espaço educacional quanto o doméstico.

Em outro momento, ela me conta uma história de uma amiga de infância que precisou de sua ajuda. Um dia, Dona Geralda (ainda jovem, na época) indo ao rio, pois naquela época

¹⁰ Termo comumente utilizado para quem deu à luz por meio de parteira.

¹¹ Termo que significa ato de maltratar por meio de pancadas e socos.

havia o costume de lá lavar as roupas, mas que nesse dia foi pegar água, que seu pai havia lhe pedido. Ao chegar no local, ela avista sua amiga em um dos girais¹² dentro d'água, ela lhe chama e diz precisar de ajuda, tinha acabado de dar à luz e que seu filho estaria enrolado em roupas que estavam na beira do rio. Dona Geralda a escuta e vai pedir ajuda em casa a seus pais para trazer a jovem que estava com muito medo de seu pai, ressalta que ele bateria nela por assim descobrir sua gravidez.

Dona Geralda conta que seus pais trouxeram a amiga para sua casa e, logo após, os seus irmãos (da amiga) chegarem pedindo para a jovem ir embora com eles, o pai de Dona Geralda nega o pedido. E, assim, a jovem passa um tempo aos cuidados da sua família. Dona Geralda finaliza a história contando que cortou o cordão umbilical e assim considera que “pegou o menino” se referindo quando uma parteira ajuda a dar a luz.

Essas histórias fazem parte das suas vivências, ela as conta muitas vezes e, cada vez que conta, trás consigo muitos detalhes, demonstrando ter uma boa memória. Ela também consegue trazer emoção ao contar e lembrar de cada detalhe. A forma como essas narrativas são revisitadas e recontadas demonstra o que Latour (2008, p.45) aponta: "quanto mais mediações melhor para adquirir um corpo, ou seja, para se tornar sensível aos efeitos de mais entidades diferentes". Cada nova contagem trazia consigo uma nova mediação, um novo aprendizado sobre si e sobre o mundo.

3.2 Cotidiano de Dona Geralda

A tabela abaixo é a demonstração de atividades que Dona Geralda realiza no seu cotidiano, algumas coisas mudam ou há a inclusão de mais atividades, mas seu rigor aos horários são visíveis, além de seu apreço por estar circulando por espaços no território da aldeia.

O dia começa para dona Geralda (82 anos) muito cedo justamente por não conseguir dormir por mais tempo, suas atividades iniciadas são no seu terreiro onde varre constantemente, faz seu fogo a lenha para iniciar seu café da manhã, onde sua alimentação é a base de peixe, farinha, banana, e seu café de grãos, onde sua vizinha que faz o preparo para torrar. Durante a manhã ela vai ao mercadinho de sua sobrinha Sílvia (sobrinha neta), vai à casa ao lado e, apesar de suas dores na perna e pé, consegue percorrer por diversos espaços da aldeia como no mercadinho para comprar peixe e na senhora do dindim, além de sempre

¹² Utensílio feito dentro do rio com madeiras para lavar roupas em cima.

estar fazendo algum preparo de remédio para aqueles que a procuram. Ao chegar à tarde, vejo as ações mudando ao redor Dona Geralda, almoça sempre que pode pontualmente às 12:00 com sua filha (Mariana) e seu neto (Téo) quando não há outros familiares que frequentemente estão em sua casa: Edilson (filho), Maria Vitória, Maria Milene, Marcos Henrique (netos) e uma das filhas de criação Alzeni. Logo após o almoço vai lavar a louça e às vezes cochila na sala em seu sofá, depois vai sentar ao lado da casa vizinha para cochilar ou quando vão chegando pessoas, se inicia a conversação, que se encerra pouco mais que 16hs, já que neste horário ela precisa fazer seu fogo de lenha, tal como mostra a Figura 1, para começar a preparar sua refeição do jantar que fará as 18:00.

Tabela 1 - Atividades do cotidiano de dona Geralda

Horários	Atividade	Local	Observações
04:30-05:00	Acordar e levantar.	Quarto.	Dificuldades para dormir mais tarde, assim inicia o dia bem cedo.
05:00-05:30	Varrer o terreiro, cuidar da casa.	Terreiro, casa ou quintal.	Atividades constantes, mantém o espaço limpo.
05:30-06:00	Acender o fogo à lenha.	No puxado atrás de casa.	Preparação para o café da manhã.
06:00-07:00	Preparar e tomar café da manhã.	No puxado atrás de casa.	Alimentação à base de farinha, peixe, banana, café de grãos (torrados pela vizinha).
07:00-08:00	Cuidados pessoais e organização da casa.	Em algum cômodo da casa ou no quintal.	Pequenos afazeres domésticos.
08:00-10:30	Mercadinho da sobrinha, mercadinho do peixe e casa de rosa ¹³ onde comprar dindin.	Espaços da aldeia e comércios locais.	Apesar das dores na perna e pé, caminha e mantém contato com a comunidade.
10:30-11:30	Preparo de remédios caseiros e almoço.	Casa e quintal.	Atendimento a quem procura por seus remédios.
11:30-12:00	Organização para almoçar e banho.	Puxado atrás de casa.	Prefere comer com sua filha e neto, nunca sozinha.
12:00	Almoça em família.	Puxado atrás de casa.	Chama os demais: Filha, netos e filhos quando presentes em casa.

¹³ Seu vínculo é de amizade, vende além de dindin, peixes, galinha e camarão

12:30-13:00	Lavar a louça	Pia atrás de casa.	Uma atividade que sua filha ou ela faz.
13:00-14:30	Cochilo na sala.	Sofá da sala.	Descanso rápido.
14:30-15:00	Senta ao lado da casa vizinha, cochila ou conversa.	Calçada/garagem vizinha.	Momento de socialização, conversas e fofocas.
16:00-16:30	Acender o fogo à lenha para preparar a janta.	Puxado atrás de casa.	Começa cedo a preparação do jantar.
18:00	Jantar com a família.	Cozinha.	Não janta sozinha, mas com seus filhos e netos.
19:00-20:00	Descansa, conversa ou vê tv.	Sala ou na casa ao lado.	Neste horário ela conversa bastante sobre acontecimentos de sua vida.
20:00-21:00	Prepara-se para dormir	Quarto.	Neste horário procura ir dormir, apesar de ter noites de insônia.

Fonte: Autoral, 2026

É perceptível que existem determinados horários para cada atividade a ser realizada, sua rotina é sempre produtiva como pode ser observado na Figura 06, onde está colocando o esterco de vaca para assim plantar o coentro, algumas vezes com a ajuda de seus familiares.

Figura 05: D. Geralda no preparo do fogo de lenha.



Fonte: Avelar (2026).

Figura 06: D. Geralda colocando esterco de vaca no local para plantar coentro.



Fonte: Avelar (2026).

As tarefas que faz é com carinho e não reclama de seu cansaço por fazê-las, mesmo com seus problemas de saúde, continua plantando suas ervas e cuidando bem delas, quando pode, limpa o espaço onde estão, troca as mudas e põe o cocô de vaca utilizado como adubo natural, que pede a quem tenha vacas e assim vai até o cercado, esta tarefa quem faz é Denis como mostra a Figura 07, mas pode também ser feita, algumas vezes, por Mariana ou Alzeni.

Figura 07: Denis seu filho ajudando D. Geralda com o esterco de vaca.



Fonte: Avelar (2026)

3.3 Atividade de carvoeira

Um dia acompanhei sua filha Mariana que acordou cedo para ajudar na atividade de carvoeira¹⁴ junto com duas parentes (Maria e Gal).

Começando com a primeira etapa na retirada de madeiras. Fomos às 05:00 da manhã, arrumamos os utensílios para levar como ferramentas para cortar a madeira e alimentos pois voltaríamos apenas a tarde, levamos peixe, farinha, cuscuz, café e água, como também roupas pois pretendíamos nos banhar no rio. Ao chegar no local deixo tudo que foi organizado para levar, ajudo a empilhar os restos de madeiras de uma antiga carvoeira que elas haviam feito, depois eu e Mariana recolhemos também as madeiras tiradas por duas delas (Maria e Gal) e, logo depois, às 07:00 a Mariana foi fazer o fogo para assar peixe e assim tomamos café da

¹⁴ Modelo de produção do carvão.

manhã, enquanto a lenha queimava para fazer a brasa. Voltamos para apanhar a lenha e colocar no local mais próximo da antiga carvoeira. Quando foi percebido que haviam brasas, fomos para próximo do fogo e Maria ficou responsável de assar o peixe, levei minha comida já pronta facilitando assim para que pudesse praticar a observação deste momento. Logo chegou um senhor que iria ajudar a cortar a madeira que fosse mais difícil com machado, ele juntou-se a nós e comeu também.

Na hora da comida conversamos e houveram perguntas que fiz sobre como era a aldeia onde morava, quais as práticas realizadas como a que elas estavam fazendo e desse modo foi sendo construído um diálogo com as mulheres. Após a refeição retornamos às atividades de cortar e carregar a lenha fomos parar às 11:00 horas de modo a irmos nos banhar juntas em uma abertura feita por elas mesmas no rio, estávamos felizes apesar do cansaço, as conversas eram alegres e com brincadeiras, saímos do rio aproximadamente de meio dia, percebi que aquele momento era, além de uma pausa do trabalho árduo, uma oportunidade de um diálogo descontraído sobre assunto cotidianos.

Logo após retornamos para almoçar, surge mais um espaço para compartilhamento de alguns fatos entre eles amorosos, histórias de namorados, momentos felizes de suas vidas, insatisfação no relacionamento e fofocas. Me senti feliz por compartilharem suas histórias, um sentimento de confiança delas comigo. Apesar de serem mulheres de faixa etária mais alta que a minha (em idade), não me senti deslocada, mas sim, acolhida. Depois do almoço fomos tirar um cochilo e retornamos depois das 13:00 para juntar a lenha cortada. Saímos de lá às 14:00 chegando em casa quase 15:00 e, no caminho de volta foi me relatado sobre a antiga casa de farinha, Figura 08, e os antigos moradores que residiam por ali perto.

Figura 08: Local por onde passamos ao ir a carvoeira..



Fonte: Avelar (2025).

Essa é uma das atividades que fazem parte de suas práticas na aldeia, mas entre outras, tem a de arrancar a mandioca, raspá-la e depois a fazer a farinha, o beiju, e assim partilham o que produzem da farinha, logo trazem suas partes para dividir com outros familiares e vizinhos também. A figura 9 demonstra o momento de ajuda entre Denis e Mariana para espremer a goma da mandioca.

Figura 09: Denis auxilia Mariana a espremer a goma da mandioca.



Fonte: Avelar (2026).

Então há um compartilhamento com amigas e familiares do que é obtido a partir destas atividades, desde a ajuda em dividir o que produz e em cada função para ser realizada a atividade. Comigo não fizeram diferente, quando o carvão ficou pronto elas me deram um dos sacos produzidos, sendo partilhado meio a meio por todas que ajudaram.

Esse meio de partilha é bastante comum entre as famílias nas aldeias, seja na produção da farinha, onde na casa de farinha as próprias famílias convidam outras do seu nível de convivência para ajudar elas, e no final o que é produzido é dividido. Uma outra prática que segue nesse mesmo ponto na comunidade, é a da cavoeira, que no final o que é produzido é assim compartilhado. Essas atividades além de outras que atravessam a coletividade de alguns núcleos familiares da aldeia, é importante para a continuidade dessa cultura.

3.4 Memórias

Era fim de tarde e Dona Geralda estava sozinha em casa. Sua filha (Mariana) havia saído, e seu neto (Téo) também. Fiquei com ela, fazendo-lhe companhia na parte da cozinha, onde ela acende o fogo com carvão. Ela havia feito seu café e foi tomar banho. Esperei, pois, anteriormente havia lhe explicado que gostaria de conversar sobre a pesquisa e gravar seu

relato. Apenas a orientei de que os assuntos seriam livres, relacionados a sua vida, sua infância e tudo o que ela se sentisse à vontade para me contar.

Fomos para a frente de sua casa, ela sentou-se em uma cadeira e eu em outra, pedi que começasse e que ficasse à vontade para contar o que achasse confortável. Reforço que os trechos que serão discutidos a partir da transcrição serão deixados com a forma da linguagem usada por ela. Desse modo, Dona Geralda destaca o início do que lembra de quando era criança:

“... Quando eu me entendi de gente, aí já trabalhava que só um homem mesmo com os filhos (falando de sua mãe), cinco filhos machos, que é Pedro, José, Antonio, Manuel, Severino. Levava pro roçado nesse tempo não tinha o que tem hoje, levava pro roçado, a limpava, passava o dia levava um cesto pra pescar, levava farinha, quando era meio dia ia pescar, pq não é como hoje, hoje pelo que eu passei e meus irmãos, botava na escola, quando teve um tempo que não foi na escola por falta de roupa, aí meu pai fez uma farinha para não deixar eles parar de estudar, fez a farinha e vendeu, e comprou pano pra fazer as roupas, para poder ir pra escola mas passou um tempo sem ir pra escola pq a falta de roupa, e nisso se criou-se, uns estudou e outros não estudaram não, na falta da roupa que não tinha, hoje a gente tem roupa, um dá, outro dá, até se perde, naquele tempo minha fia, quer dizer um tempo é um só, era as condições, era mais difícil” (D. Geralda, 2025).

Sua infância é marcada por algumas dificuldades no acesso a recursos e isso a leva a fazer esforços para consegui-los, trabalhando junto à sua família na agricultura e enfatiza que não havia diferença nos trabalhos para homens e mulheres, quando diz que trabalhava como um homem refere-se ao trabalho com esforço braçal pois os estudos não eram acessados com facilidade destacando as dificuldades sobre roupas e a realização da farinha como um meio para que acessassem seu direito à educação.

Como corrobora Bernardo (2023, p. 54), “A mandioca, ao mesmo tempo que alimenta também é usada como planta medicinal no processo de cicatrização de algumas feridas”. Dessa forma a mandioca sobressai a sua função imaginada de suprir a fome.

Suas lembranças são precisas sobre suas atividades ao longo da vida, seus aprendizados a partir de suas práticas com sua família, como descreve a seguir:

“...Ela rezava as pessoas, a mesma coisa que ela sabia ela me passou mas muitas coisas eu não aprendi, ela sabia rezar de igreja, reza de quando morria uma pessoa, mas isso aí não quis aprender reza de defunto, mas o que ela sabia de rezar o povo, de remédio, aí de noite ela deitada dizia pra mim “é assim e assim...”(D. Geralda, 2025).

O seu aprendizado passa através de sua mãe, um laço afetivo que reforça essa prática da aprendizagem a partir da oralidade, e que aprendeu aquilo que ela está disposta, mas

fazendo concessões como bem destaca. A oralidade ganha destaque nessa passagem em como através dela são gerados conhecimentos e perpassam gerações que continuam praticando. Em nossas conversas ela demonstra um carinho pelo que aprendeu e que é uma felicidade sempre que pode ajudar o outro com os seus saberes sobre as plantas. Em meio às atividades, ela me conta sobre sua primeira gestação:

“... Eu trabalhei muito mas ela até quando eu arrumei Mariana (primeira filha), e o pai de Mariana só fez fazer¹⁵ e se mandar pro Rio de Janeiro, disse que vinha, mas quando veio, ela já tava grande e eu que trabalhava, juntava lenha com a minha sobrinha, trabalhava, cortava lenha, carvão, quando veio melhorar¹⁶ pra mim foi quando a mãe (sobrinha Severina) dele (Denis), foi ser diretora do colégio aí (Centro Social São Miguel), porque o que chegava pra ela chegava pra mim, aí foi quando eu fui parando mais, mas eu trabalhava de enxada, plantando maniva, carregar lenha para fazer carvão. Aí depois, graças a Deus, veio a diretora, eu não comprei nenhuma roupa, nem eles (seus filhos), ela era quem fazia de tudo por mim e hoje em dia ainda sinto falta dela (sobrinha Severina)...” (D. Geralda, 2025).

Neste relato, ela enfatiza a dura realidade de ser mãe solo, que precisou trabalhar em atividades braçais para que pudesse criar sua filha mesmo com a ausência do pai biológico. Com tantas dificuldades, ela ressalta em outro momento que teve grande ajuda de seus pais, assim como fala sobre sua segunda gestação:

“... Mariana, minha primeira filha, o pai dela foi para o Rio de Janeiro e disse que vinha, mas quando veio já tinha o Edilson (segundo filho) que não é filho dele, o pai de Edilson é da família de Zuca¹⁷. Vivía com minha mãe e pai, fala em morar comigo, acreditei. Foi eu deixar Edilson e ele ir pro Rio de Janeiro, ele já veio doente (o pai de Mariana) e morreu. Enquanto meu pai viveu bem, mas teve que trabalhar para cuidar de Mariana...” (D. Geralda, 2025).

Em suas relações amorosas foi decepcionada pela ausência sobre a paternidade de seus filhos e então ela diz:

“... Ai não quis mais não achei mas eu nao quis mais, quero nada danado de homem mais pra deixar família, e eu tenho com quem criar minha família que ajuda, graças a Deus como eu disse e digo...” (D. Geralda, 2025).

Ela demonstra a força que tem e sua garra ao cuidar de seus filhos sem a figura do pai, mas com ajuda de seus familiares. Portanto, a sua família se faz presente em sua trajetória de forma cuidadosa e amorosa, filha de Arcanja Antonia Domingos e Teófilo Ciriaco da Silva, seus irmãos Pedro, José, Antonio, Manuel e Severino. Em meio ao relato Dona Geralda dá

¹⁵ Ela usa essa expressão no sentido da relação sexual resultando na gravidez.

¹⁶ Significa a melhoria nas condições de vida.

¹⁷ Nome conhecido popularmente.

ênfase “...passamos uma vida até ruim, logo quando me entendi de gente não foi boa não...” (D. Geralda, 2025).

Em outro trecho ela também ressalta suas dificuldades físicas sobre estar impossibilitada de algumas atividades e que se pudesse faria:

“... Se não fosse a dormência da perna e mão, ainda faria as coisas, ainda tô por aqui ainda, mas sofri um pedacinho não foi mais por ela me ajudava demais, e foi assim, a vida da gente logo não foi fácil, pro mangue, até com chuva, saía com chuva e chegava com chuva, todos que morava aqui era assim, tirava madeira, agora não, que estão acabando com os matos por cana, mas a mata era por aqui (na frente de sua casa) mato de um lado e de outro, um homem de Sapé vinha comprar, agora tudo por debaixo de casa, mas até a Regina (parte da aldeia) era só mato. Meu avô juntava com os filhos e plantava roça, onde as casas que Nai (moradora da aldeia) mora era mangueira, caju, coqueiro, laranjeira, vendia as laranjas na Baía, aos homens que já morreu, a vida foi melhorando, o meu avô, meu pai, meus tios trabalhavam nisso aqui, plantando roça, quando era na segunda ou terça arrancava para fazer farinha e foi melhorando mais as coisas...” (D. Geralda, 2025).

Dessa maneira, mesmo com os serviços pesados de antes terem sido difíceis, ela não fala de maneira alguma sobre estar aliviada, mas que fez tudo para que fosse possível construir sua família e que hoje, se precisasse, ainda realizaria.

Ela fala sobre a importância que havia sobre algumas práticas que hoje não existem segundo sua perspectiva:

“... Meu avô Pedro Ciriaco, foi representante (hoje cacique, o termo), quando ele morreu, nesse tempo tinha respeito não tinha aldeia Galego¹⁸, Forte, Tracoeira, Cumaru, aí quando queria um roçado vinha na casa dele pedir aonde fazer, nesse tempo tinha domínio e respeito, eu alcancei Mane Santana o representante e depois veio Pedro Ciriaco...” (D. Geralda, 2025).

Nesta fala ela lembra bem sobre figuras importantes para o movimento indígena que até hoje são referências pelos seus feitos para com suas comunidades. Dona Geralda tem uma ótima memória e contou histórias ricas de conhecimentos de forma detalhada e sempre de forma igual sem tirar ou por elementos. Sua lucidez é impressionante, mulher forte, uma mãe de coração gigante não criando apenas seus filhos de sangue, mas ajudou outras mães a criar os seus, como sua sobrinha Severina com seus filhos Alzeni, Deolindo e Denis; Valda¹⁹ com seus filhos Sara, Tiago, Raionã e Isaac; Nilda com seus filhos Silvia, Sther, Neto, Yara e Branca. Sua demonstração de afeto é perceptível, seu carinho e zelo com todos que estão a

¹⁸ Atualmente tem o nome de Alto do Tambá.

¹⁹ Valda Faustino sempre ativa no movimento indígena e atualmente funcionária da Funai.

sua volta, é o que ela trás em sua essência. Uma inspiração de mulher forte, guerreira e amorosa.

Figura 10: D. Geralda junto a imagem de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Avelar (2024).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, através da etnografia buscou-se compreender e refletir sobre o espaço da aldeia São Francisco, a começar por habilidades e conhecimentos de Dona Geralda e sua família. Registrando a percepção de como o cotidiano, as relações comunitárias e as formas de compartilhamento dos saberes emergem de forma significativa na vida social dela e de seu núcleo familiar. A observação participante foi essencial para que o aprendizado ao longo da pesquisa fosse aprofundado nas dinâmicas que permeiam o seu cotidiano na aldeia.

O lugar de pertencimento foi o apoio para a realização desta pesquisa juntamente com a base antropológica que dá o embasamento teórico no mesmo. Nesse sentido, o que corrobora nas reflexões em campo sobre os desafios em estudar o seu próprio povo praticando o estranhamento ao que me é familiar, tal como sugere Velho (1978).

As atividades destacadas ao longo do trabalho feitas por Dona Geralda e sua família demonstram o papel primordial para a manutenção, pois ela é a responsável por grande parte

das decisões e a detentora do saber, desse modo, a transmissora dele. Portanto, os afazeres exercitam a memória, a oralidade e o compartilhamento do conhecimento, assim como o compartilhamento do que é produzido sendo dividido com os parentes, nada é individual. A coletividade nas atividades são visíveis em diversos momentos de conversa, quando está fazendo um remédio com as ervas e Dona Geralda ressaltava que produz o remédio para aqueles que a procura, não negando a ninguém sua ajuda.

Através das análises sobre as narrativas de Dona Geralda, evidenciou a transmissão de seus conhecimentos pelas atividades, desse modo, transitando pelos espaços que ela desenvolve, como acender o fogo na parte de trás de sua casa, preparar o óleo de coco, caminhar pelo quintal onde planta e colhe suas ervas medicinais, nas idas ao mercadinho, no terreiro sagrado onde dança o toré e assim por diante, pois em cada local existem relações sociais.

Sua memória é central para a continuidade e valorização de seu povo, como bem conta que aprendeu com sua mãe, através da oralidade. Logo, este trabalho é uma ponte para a construção de conhecimentos do povo indígena Potiguara, na medida em que expõe e expressa, no campo acadêmico, saberes que são historicamente invisibilizados.

Esta etnografia é apenas um respingo do imenso conhecimento que emerge entre o povo Potiguara. Que esse registro, ainda que reduzido, incite outros trabalhos que possam estar colaborando na produção de conhecimento, sem que o saber indígena e acadêmico se sobressaia um ao outro, mas que seja ponte de diálogos.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas: uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba)**. 2023. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

AVELAR, Laiane da S.; SILVA, Denis F. da; LIMA, Aline Barbosa de; SANTOS, Anderson A. dos. **Saberes ancestrais e resistência: um estudo com famílias agricultoras do povo Potiguara da Paraíba**. Cadernos de Agroecologia, v. 21, n. 1, p. 1-6, 2026. ISSN 2236-7934. (Anais do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia).

AYRES, Ariadne Dall’Acqua; KAINANG, Jozileia Daniza Jagso; NERES, Vanessa Fe Ha; BRANDO, Fernanda da Rocha. **A interpelação das mulheres indígenas sobre a conservação de seus territórios.** Goiânia, v. 21, n. 1, p. 34-51, jan./jul. 2023.

BANIWA, G. 2023. “**Intelectuais indígenas abraçam a antropologia. Ela ainda será a mesma?**” **Um debate necessário.** *Anuário Antropológico.* 48, 1 (abr. 2023). DOI:<https://doi.org/10.4000/aa.10496>.

BARBOSA, Liliane Monteiro. **Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta do molusco *Anomalocardia brasiliana* na aldeia Potiguara Tramataia.** 2020. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ecologia) – Centro de Ciências Aplicada e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2020.

BERNARDO, Cristina de Lima. **Práticas agrícolas e saberes locais do Povo Potiguara da Paraíba: espaços e produção de alimentos a partir da mandioca.** 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida; SILVA, Taline Cristina da; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar.** In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; CRUZ DA CUNHA, R. R. N.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, R. R. N. (Org.). *Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology.* New York: Springer, 2019. p. 1-18.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecendo o feminismo.** *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-130, 2003.

CASTRO, Cláudia Maria Guimarães Lopes de; CARNEIRO, Maristela. **Protagonismo feminino indígena: gênero, organização e luta.** Goiânia, v. 21, n. 1, p. 52-73, jan./jul. 2023.

SOUZA, Adriana Uassuri de; SANTOS, Juvana Evarista dos; OLIVEIRA, Edileia Santiago. **A Mulher Indígena e o Protagonismo da Sua Própria História de Luta e Resistência**. Emblemas, v. 17, n. 1, 94 - 104, jan. – jun. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da Educação, v. 16).

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organização e revisão técnica de José Reginaldo Santos Gonçalves. Tradução de Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CRENSHAW, K. **Documento sobre a Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. 2012. p.7-16. Disponível em:
<<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2295749&forceview=1>>.
Acesso em 18 de maio de 2024.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981. 248 p. Bibliografia.

DUTRA, Juliana Cabral de O.; MAYORGA, Claudia. **Mulheres indígenas em movimentos: possíveis articulações entre gênero e política**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 39, n. spe, p. 113-129, 2019.

FELIX, Iranilza Cinesio Gomes. **A alteridade e a espiritualidade dos universitários Potiguara da Paraíba**. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FOUCAULT, Michel; **o corpo utopico ; As heterotopias** / posfácio de Daniel Defert [tradução Salma Tannus Muchail]. -- São Paulo n-l Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Thayná Donato. **Depois da retomada: uma etnografia da aldeia Três Rios, com ênfase no papel das mulheres, Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór – PB**. 2025. 79 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025. Orientador: Estêvão Martins Palitot. Coorientadora: Ruth Henrique da Silva.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan; PEDROSO, Maíra. **Mulheres indígenas: poder e tradição**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 363-372, set./dez. 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais**. GEOgraphia, v. 22, n. 48, p. 76-77, 2020.

HOLLANDA, de Buarque Heloísa (org). **Pensamento feminista hoje perspectivas de coloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População indígena**. Belém: IBGE, 2022. Disponível em: Acesso em: 26 de Março de 2024.

INGOLD, T., KURTTILA, T. (2018). **Percebendo o ambiente na Lapônia finlandesa**. Campos - Revista De Antropologia, 19(1), 169–182. <https://doi.org/10.5380/cra.v19i1.55908>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Brasil: Cobogó, 2020.

LATOUR, Bruno. **Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência**. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (Org.). *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Afrontamento, 2008. p. 44.

LEITE, Débora Caline de Souza. **A sistematização dos conhecimentos tradicionais do povo Potiguara e seu potencial para a inovação socioecológica**. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2026.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial. Estudos feministas**. Florianópolis, setembro-dezembro. 2014. p. 935-952.

MALUF, Sônia. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. v. 09, n. 09, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MENDES, Verônica Araújo. **Indígenas mulheres: interfaces entre feminismos e decolonialidades**. In: XIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA: FOME, DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA, 14., 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Bolsa Permanência. Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnaes/bolsa-permanencia>. Acesso em: 16 jul. 2026.

NASCIMENTO, M.E. **“Aldeados” versus “Desaldeados”: dinâmica territorial, parentesco e ecologia doméstica entre os Potiguara da Paraíba**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47–77, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1996). **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia, v. 39, n. 1, p. 13–37. Portal de Revistas da USP

OLIVEIRA, Manuela Freire de. **Pensando gênero e a noção de corpo-território a partir do coletivo de mulheres indígenas Guajajara Guerreiras da Floresta**. Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

PALITOT, Estêvão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura**. 2005. 270 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba; Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, João Pessoa, 2005.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p.377-391, jul./dez. 2014. disponível:<<https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 de fev. 2026.

PEREIRA, L. M. L. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. Revista História Oral, n. 6, p. 117–128, 2003.

RAMOS, Alcida Rita. **Intelectuais indígenas abraçam a antropologia. Ela ainda será a mesma?** Anuário Antropológico, Brasília, v. 48, n. 1, p. 6–30, 2023. DOI: 10.4000/aa.10454.

RUANO-IBARRA, Elizabeth del Socorro; GAMA, Victoria Miranda da. **Mulheres Indígenas, Ensino Superior e Colonialidade de Gênero**. Revista Antropolítica, Niterói, n. 50, p. 273-299, 3. quadri. 2020.

SILVA, Almir Batista da. **Religiosidade Potiguara tradição e ressignificação de rituais na aldeia São Francisco, Baía da Traição - PB**. Rio Tinto: Epopeia, 2019.

SILVA, A.P.; BARROS, C.R.; NOGUEIRA, M.L.M.; BARROS, V.A. **“Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida**. Revista do Centro Acadêmico de Psicologia da FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, Uiblison Delfino da. **Novenário de São Miguel Arcanjo na aldeia São Francisco: Interações, sociabilidade e simbolismo**. 2022. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) - Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2022.

SEGATO, Laura, R. **La guerra contra las mujeres**. Madri: Traficantes de Sueños, 2016.

SOARES, Cíntia Cinara Morais Borges. **Trajetórias de estudantes indígenas Potiguara na UFPB: a universidade como espaço de lutas e conquistas**. 2025. 274 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

SOUZA, Adriana Uassuri de; SANTOS, Juvana Evarista dos; OLIVEIRA, Edileia Santiago. **A Mulher Indígena e o Protagonismo da Sua Própria História de Luta e Resistência**. Emblemas, v. 17, n. 1, 94 - 104, jan. – jun. 2020.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121/132.

WEIDNER, Maluf, S. (2001). **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. Esboços: Histórias Em Contextos Globais, 9(9), pp. 87–101. <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563>>.